

# GÊNERO, AMOR E SEXO

**Andréa Moraes Alves**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

E-mail: andreamoraesalves@superig.com.br

*Resumo: Passado um século do aparecimento de textos como Psicologia do coquetismo e Cultura feminina, de Georg Simmel, o tema da natureza da mulher permanece presente. Há muito rompemos, no âmbito das ciências sociais, com uma noção de natureza imutável ou com uma visão estreita de socialização. A compreensão das diferenças entre homens e mulheres como diferenças culturalmente e socialmente fundamentais tornou-se, ao longo do século XX, uma das tarefas mais importantes das ciências sociais. Além da questão das diferenças, manifestam-se também graves desigualdades: no acesso ao mercado de trabalho, à representação política, dentre outras. O que este artigo aborda é uma zona de resistência da diferenciação entre os sexos, uma zona guardada a sete chaves pelas próprias mulheres: o mundo dos relacionamentos amorosos. Homens falam de amor, sofrem por amor, vivem o amor; "mas é diferente...", dizem as mulheres. Esse mundo do amor parece ser um dos lugares mais recônditos em que se esconde o princípio da diferença entre os sexos. Uma diferença que extrapola a heterossexualidade. A partir de narrativas de mulheres sobre suas histórias de amor e sexo, este artigo analisa o discurso feminino sobre a sexualidade e o sentimento amoroso.*

Palavras-chave: gênero; sexualidade; emoções.

## Discursos femininos sobre relações amorosas

Pensar os discursos sobre as relações amorosas como projetos constitui o campo no qual se insere este artigo. Além da dificuldade de demarcá-lo, faz-se necessário justificar a importância deste tema. Duas distinções apresentam-se inicialmente: a primeira refere-se ao fato de não se tratar de uma digressão sobre a antropologia das emoções, cuja abordagem conta com inúmeras referências relevantes, que não

caberiam neste artigo;<sup>1</sup> em segundo lugar, este texto não é dedicado a uma observação das relações amorosas. Portanto, não há uma etnografia propriamente dita. O amor é aqui tratado como um eixo que articula uma determinada biografia. A narração dos encontros amorosos, a lembrança dos lugares, das pessoas e dos momentos marcantes é o material recebido nas entrevistas. As emoções envolvidas na narrativa são elementos que a constituem, apresentados na linguagem. O discurso provoca no narrador uma reflexão sobre os sentimentos envolvidos, e é sobre esta reflexão que detenho meu olhar.

Há ainda outro ponto a ser ressaltado: as narrativas são femininas. Meu interesse é dirigido para histórias de amor de mulheres. O enfoque nas mulheres insere-se em uma discussão mais ampla, acerca dos modos de individualização nas sociedades contemporâneas. Nesses contextos sociais, o gênero é um dos marcadores centrais, capazes de qualificar o processo de individualização. Nas sociedades democráticas, assentadas sobre o valor do indivíduo, faz uma enorme diferença ser classificado como homem ou como mulher, do ponto de vista das possibilidades de tornar-se indivíduo, dado que, subjacentes à lógica da individualização, operam distinções assimétricas de gênero. Por individualização refiro-me ao processo de construção da figura do indivíduo moderno, pautado nos valores da singularidade, autonomia e igualdade. Para Simmel (1971), autor aqui utilizado como referência acerca deste processo, a individualização, ainda que seja um processo historicamente marcado, extrapola as conjunturas específicas em que se forjou e transforma-se num código das relações sociais modernas. Este código supõe que as interações na vida social são marcadas por três mandamentos: 1) as partes em interação são equivalentes (igualdade); 2) são responsáveis por construir e afirmar suas próprias percepções de si (singularidade); e 3) são livres para agir de acordo com essas percepções (autonomia). A questão que se coloca é como lidar com tais valores num universo social marcado pela ideia de diferença sexual (físico-moral), baseada na natureza (ROHDEN, 2001). Apresenta-se, no discurso nativo das mulheres entrevistadas, uma noção de que as mulheres se percebem diferentes dos homens: diferença esta, ora atribuída às influências sociais (socialização primária diferenciada), ora explicada pela fisiologia feminina (hormônios, útero). Essa diferença no sentir não é sempre vista como desvantagem. Uma das características mais exaltadas pelas informantes, quando confrontadas ao que seria um estilo masculino de sentir, é justamente a concepção de que “as mulheres são mais abertas”, de que há um desprendimento feminino para falar de si e de seus sentimentos com o outro. Isso era tido como uma qualidade, principalmente quando se referia à capacidade feminina de detectar os problemas nas relações amorosas.

Ele fala, meio saca-rolha, tem que ficar puxando. Mas, aquela coisa, né, quando vejo que ele está com uma cara estranha... “M., [o marido] o que houve?” Tem que ir puxando o negócio para ele acabar dizendo. (A., 40 anos, casada há 10 anos)

<sup>1</sup> Para uma apresentação sucinta das questões apresentadas pela antropologia das emoções, ver Rezende (2002).

Esta exaltação do falar de si – para si mesmo e para o outro – confere ao feminino uma aproximação com a esfera da interioridade, um importante elemento do ideário individualista moderno. Simmel, mais uma vez, é fundamental nesse debate. Dois textos abordam diretamente a diferenciação feminina: “Cultura feminina”, publicado em 1902, e “Psicologia do coquetismo”, de 1909. O autor argumenta que o feminino é marcado pela indivisibilidade do eu. Na vida interior das mulheres, não há espaço para fragmentação. Esta conclusão é baseada, segundo Simmel, na forma como a própria vida social se estrutura. A cultura moderna é masculina, não somente porque a produção da cultura objetiva é primordialmente efetuada por seres do sexo masculino, mas porque a cultura subjetiva extraiu, para sua composição, traços desta forma masculina de produção: a vida moderna é fragmentada e especializada.

De modo bem geral: a especialização que caracteriza em si nossas profissões e nossa cultura é, de cabo a rabo, masculina em sua essência. Longe de se reduzir a um dado puramente exterior, só é possível, de fato, pela mais profunda especificidade psicológica do espírito masculino: a tendência exacerbada aos trabalhos radicalmente unilaterais, que se diferenciam da personalidade global, a tal ponto que a atividade objetivamente especializada, de um lado, e a subjetividade, de outro, levam cada um sua vida própria. (SIMMEL, 2006, p. 72)

Na visão de Simmel, as mulheres contribuiriam muito para a cultura moderna se conseguissem empregar o que é específico de sua feminilidade na vida social. Ele propõe uma divisão de trabalho cultural, no qual a energia feminina para a indistinção fosse preservada. No alvorecer do século XX, acompanhava os debates em torno dos direitos das mulheres e, sem procurar argumentos fisiológicos, mas repousando seu olhar sobre as relações sociais entre homens e mulheres, encontrou na divisão do trabalho uma forma que expressa um conteúdo sexuado.<sup>2</sup> Sem buscar causas iniciais, Simmel identifica, na delegação do trabalho doméstico às mulheres, a forma e o conteúdo articulados ao desenvolvimento de uma “psique feminina”. O trabalho doméstico não produz objetos, sua realização se esgota no mesmo momento em que se inicia sua execução. Encerradas neste círculo, as mulheres aprendem a ser menos objetivas, e o tempo passa a ser concebido de maneira mais fluida. Note-se que este aprendizado não deve ser lido como socialização. Para este autor, essa estrutura conforma uma natureza feminina que adquire marcas definitivas. O que ele argumenta é que esta natureza não possui bases fisiológicas, em oposição à ideia preeminente em sua época. Para Simmel, não cabe combater esta natureza, mas empregá-la de

<sup>2</sup> Nas relações eróticas entre homem e mulher, assunto do artigo “Psicologia do coquetismo”, a mesma aplicação da noção de forma/contéudo é utilizada. O coquetismo é um modo de interação entre os sexos, adequada ao feminino, e um domínio sobre o qual elas têm primazia, justamente por empregar o jogo entre ter e não ter, oferta e recusa como um fim em si. A arte do coquetismo conduz o erotismo à sua mais pura expressão do jogo entre alma feminina e masculina. O jogo da coquete é, simultaneamente, se dar sem se dar, sem produzir um resultado definitivo. Nesse sentido, embora sendo uma arte feminina, o coquetismo revela uma dimensão universal da vida humana, segundo Simmel (2006, p. 110): “O moralista pode se indignar, mas isto é parte integrante do problematismo da existência: há muitas coisas diante das quais ela não possui ponto de vista evidente nem imediatamente sólido; nosso agir e nosso sentir não se inscrevem bem, por sua própria forma, no espaço que elas lhes oferecem”.

modo a contribuir para a complexidade da vida social. A arte, por exemplo, poderia ser engrandecida com uma participação feminina.

Passado um século do aparecimento de artigos como “Psicologia do coquetismo” e “Cultura feminina”, o tema da natureza da mulher permanece presente. Há muito houve uma ruptura, no âmbito das ciências sociais, com a noção de natureza imutável ou com uma visão estreita de socialização. A compreensão das diferenças entre homens e mulheres como distinções culturais e sociais fundamentais tornou-se, ao longo do século XX, uma das tarefas mais importantes das ciências sociais contemporâneas. Além da questão das diferenças, manifestam-se também graves desigualdades: no acesso ao mercado de trabalho e à representação política, entre outras. O presente artigo aborda uma zona de resistência da diferenciação entre os sexos, uma esfera guardada a sete chaves pelas mulheres: o mundo dos relacionamentos amorosos. Homens falam de amor, sofrem por amor, vivem o amor; “mas é diferente...”, dizem as mulheres. Esse mundo do amor parece ser um dos lugares mais recônditos nos quais o princípio da diferença entre os sexos é ocultado. Uma diferença que extrapola a heterossexualidade. O amor vivido entre mulheres é representado como mais simétrico, ao passo que aquele vivido entre homens é representado como mais atravessado pela complementaridade (HEILBORN, 2004).<sup>3</sup>

As relações amorosas abordadas nesta pesquisa constituem relações afetivo-sexuais que envolvem mulheres heterossexuais, homossexuais e bissexuais. A orientação sexual, portanto, não é elemento de definição da identidade dessas mulheres. As entrevistadas – em um total de nove – estavam inseridas em diferentes tipos de relacionamento amoroso-sexual por ocasião da entrevista, sendo que duas delas não mantinham qualquer relação. Elas têm entre 37 e 49 anos de idade, são profissionais liberais (todas com nível universitário completo), residentes na Zona Sul do Rio de Janeiro, todas trabalham e se classificam como pertencentes às camadas médias.

## **Biografias, projetos e metamorfoses**

As sociedades complexas são marcadas pela “heterogeneidade e variedade de experiências e costumes, contribuindo para a extrema fragmentação e diferenciação de domínios e papéis, dando um contorno particular à vida psicológica individual” (VELHO, 1987: 17). Nestas, os indivíduos vivem simultaneamente em diversos planos. Ao mesmo tempo que há instâncias da vida social com significados e valores compartilhados, como nas relações familiares e de parentesco, é possível observar

<sup>3</sup> A pesquisa de Heilborn engloba um universo de pessoas de camadas médias, intelectualizadas, do Rio de Janeiro, que vivem em situação conjugal. As afirmações da autora devem ser consideradas válidas nesse universo de “casais igualitários”. O interessante desta investigação refere-se ao modo como a lógica de gênero impacta o cotidiano das relações conjugais, nesse segmento comprometido com ideais individualistas modernos.

uma circulação dos indivíduos entre distintos mundos, muitas vezes portadores de códigos conflitantes.

Os indivíduos transitam entre os domínios do trabalho, do lazer, do sagrado etc., com passagens às vezes quase imperceptíveis. Estão na interseção de diferentes mundos. Podem a qualquer momento transitar de um para outro, em função de um código relevante para suas experiências. (VELHO, 1994, p. 26)

As noções de projeto e de metamorfose são de extrema relevância, por aliar duas dimensões da vida social, sem tomá-las como par excludente: a dimensão da motivação do ator e a da dependência em relação aos contextos da ação e às motivações de outros atores. O conceito de projeto está atrelado a outros conceitos, que tomam como suposto a relevância do indivíduo e da ação individual para as sociedades complexas. O projeto é, em primeiro lugar, algo que dá sentido a uma trajetória individual, posicionando-a no curso do tempo. O passado, o presente e o futuro são costurados pelo indivíduo que faz projetos, tornando-se a sua biografia. Esta conexão depende primeiro da memória, da seleção efetuada pelo indivíduo acerca de aspectos significativos daquilo que foi seu passado. Este significado é sempre informado pelo momento presente, portanto, trata-se de uma visão retrospectiva, que se conecta com o porvir na forma de um projeto, “uma antecipação no futuro dessa trajetória e biografia” (VELHO, 1994, p. 101).

O passado, assim, é descontínuo. A consistência e o significado desse passado e da memória articulam-se à elaboração de projetos que dão sentido e estabelecem continuidade entre esses diferentes momentos e situações (VELHO, 1994, p. 103).

Projeto e memória são articulados para dar sentido à trajetória individual. Este sentido é aqui entendido como sendo algo a ser compartilhado com o outro e comunicado a ele pelo indivíduo que elabora projetos. Os projetos são aqui abordados por meio dos depoimentos femininos, acerca de suas expectativas em relação aos envolvimento amorosos. O significado atribuído ao fato de estar ou não “comprometida” e os distintos níveis de compromisso fornecem as chaves para a possibilidade de elaboração de um projeto amoroso. As expectativas futuras são alimentadas pelas experiências progressas de relação afetivo-sexual. Assim, a memória dos relacionamentos é resgatada na entrevista e serve de insumo para os projetos.

O sentido do projeto é sempre intersubjetivo, ele não existe no vazio, mas em função dos planos de outros indivíduos. Ele é um meio de comunicação, um instrumento de negociação da realidade entre os sujeitos, o que confere limites e constrangimentos sociais à elaboração de projetos, aspecto denominado por Velho (1994) de campo de possibilidades. A manipulação deste campo pelo indivíduo não é racional, no sentido do cálculo estratégico das opções, mas possui uma forte dimensão consciente. O sujeito avalia significativamente suas possibilidades de escolha.

Além disso, Velho lembra que os aspectos não conscientes devem ser levados em conta nas tomadas de decisão.

Sem dúvida, um sujeito pode ter mais de um projeto, mas, em princípio, existe um principal ao qual estão subordinados os outros que o têm como referência. De forma aparentemente paradoxal em uma sociedade complexa e heterogênea, a multiplicidade de motivações e a própria fragmentação sociocultural, ao mesmo tempo em que produzem quase que uma necessidade de projetos, trazem a possibilidade de contradição e de conflito. Por isso mesmo, o projeto é dinâmico e é permanentemente reelaborado, reorganizando a memória do ator. (VELHO, 1994, p. 104)

Esta reelaboração dos projetos não significa inconsistência. Ao contrário, é a busca contínua pela consistência que explica sua mutação. O conceito de metamorfose pode, então, ser introduzido.

Não se trata de afirmar um mundo caótico, sem sentido e comunicação, de fronteiras disformes e opacas, mas de considerar ser mais profícuo analiticamente pensar em laços sociais que se refazem continuamente, de forma conflituosa, pela constante reconstrução dos projetos. Esta capacidade plástica dos projetos – seu potencial de metamorfose – explica-se pela variação de estilos de vida e de províncias de significado<sup>4</sup> das sociedades complexas por onde transitam os indivíduos, e que fornecem material para uma constante reformulação dos projetos. Esta reconstrução não se dá aleatoriamente ou no vazio, ela ocorre no interior de um campo de possibilidades, com o objetivo – consciente, mas não racional – de inserir o sujeito no mundo.

Nesse sentido, poder-se-ia até dizer que os projetos mais eficazes seriam aqueles que apresentassem um mínimo de plasticidade simbólica, uma certa capacidade de se apoiar em domínios diferentes, um razoável potencial de metamorfose. Os projetos constituem, portanto, uma dimensão da cultura, na medida em que sempre são expressões simbólicas. Sendo conscientes e potencialmente públicos, estão diretamente ligados à organização social e aos processos de mudança social. (VELHO, 1987, p. 33-34)

Quanto maior a circulação do sujeito por esses mundos de significados distintos, e maior sua capacidade de mediá-los (articulá-los), mais plasticidade terão seus projetos. (VELHO; KUSCHNIR, 2001).

A noção de projeto, pensada a partir da ótica de gênero, permite observar dinâmicas diferentes. Homens e mulheres teriam campos de possibilidades diversos e avaliações distintas de suas perspectivas de futuro. A própria construção da memória, articulada ao projeto, pode ser compreendida segundo uma lógica de gênero, o que possibilita uma construção de biografias femininas e masculinas.

<sup>4</sup> Estilo de vida envolve os gostos, atitudes, atividades e o tom que conforma um dado grupo; províncias de significado são os meios por onde circulam esses estilos de vida e onde eles adquirem sentidos.

No que concerne às biografias amorosas, as cenas e enredos relatados são avaliados pelas mulheres como integrando um "roteiro feminino". Expressões como: "Você sabe, né? Mulher é tudo assim" ou "porque nós mulheres somos assim" são utilizadas constantemente como elos entre histórias, conclusões ou preâmbulos de uma narrativa. Nesse sentido, o fato de a entrevistadora ser mulher permitiu uma certa atmosfera de cumplicidade, como se o sexo biológico fornecesse a senha de entrada para um patamar comum de entendimento. Além disso, a proximidade etária com as entrevistadas consistiu em mais um elemento percebido como aglutinador de "nossas" experiências afetivas.

O campo das relações afetivo-sexuais é valorizado pelas entrevistadas por indicar – para elas e para outros – a possibilidade que possuem de estabelecer relações, e não por lhes conferir uma identidade sexual. Mais fundamental do que se autotransclassificar como homo, hetero ou bi, é provar, para si e para os outros, que são mulheres em relação ou aptas a constituir relação. O *status* de "casada", "separada", "solteira", "encalhada", "namorada", "caso" empresta significado para a constituição de um projeto no âmbito das relações afetivas e sexuais; projeto este que pode se tornar público, dependendo do grau de aceitação social. As mulheres são julgadas como femininas quando apresentam projetos afetivos e sexuais nos quais o envolvimento relacional está em foco. O argumento aqui desenvolvido se aproxima das reflexões de Strathern (1995) sobre a classificação do feminino nas sociedades ocidentais moderno-contemporâneas. Para esta autora, faz parte da crença ocidental a atribuição de um sentido relacional constitutivo às mulheres. Nestas sociedades, homens e mulheres seriam vistos como possuidores de diferentes perspectivas sobre compromisso em relacionamentos afetivos, sejam eles de ordem sexual ou parental. No caso masculino, é geralmente aceita a necessidade de construção das relações; eles desejam uma ligação sexual, mas, não necessariamente, um vínculo relacional. Para as mulheres, a necessidade da relação aparece naturalizada. O compromisso masculino com relacionamentos afetivos é tido, convencionalmente, como menor do que o da mulher, ainda que a relação inclua a geração de um filho. Neste caso, espera-se que a mulher deseje ser mãe, mas o homem é desobrigado socialmente de querer ser pai. Assumir o filho é, para ele, um ato de responsabilização sobre o relacionamento, e não um mandato da natureza. Visto dessa maneira, os homens podem possuir vínculos afetivos e sexuais, e é moralmente positivo que o tenham. Entretanto, a ausência de vínculos não contamina a masculinidade, e, em algumas situações, até a reforça. Para as mulheres, o vínculo é considerado como intrínseco: o feminino supõe vínculo.

O gênero se torna uma característica dos indivíduos, uma das muitas características pelas quais os euro-americanos comparam pessoas. A questão cultural que se segue é que tipo de relação os indivíduos podem estabelecer [...]. Em consequência, o gênero leva não tanto a uma divisão de interesse quanto à comparação do que cada parte traz para o relacionamento.

O que cada um traz tem de incluir um compromisso com a ideia do próprio relacionamento, e daí uma motivação para relacionar-se. (STRATHERN, 1995, p. 328)

Nas entrevistas realizadas, o aspecto que tem sido mais explorado a respeito das relações de amor constitui a vida sexual do par, ou o que Heilborn (2004) nomeou de “gramática da cópula”. Solicita-se à depoente que relate suas experiências sexuais ao longo da vida, incluindo a atual. Assim, a narradora descreve as etapas que conduziram ao ato sexual, os contextos nos quais ocorreram as relações, caracteriza as pessoas envolvidas e as práticas, discorre sobre as sensações de prazer e desprazer, o uso de métodos contraceptivos e de proteção contra DSTs (doenças sexualmente transmissíveis).

## **Relações conjugais**

O casamento inclui vários aspectos: pode significar coabitação ou residência em casas separadas, envolve negociações com as famílias e com as redes sociais de cada cônjuge, a partilha das obrigações financeiras e domésticas, o projeto de ter filhos ou não, o cuidado dos filhos, as relações sexuais, os planos em comum, a amizade, a solidariedade e os conflitos entre parceiros. São inúmeras as instâncias que compõem um casamento, no sentido atribuído no universo das camadas médias. A antropologia brasileira reúne, em sua tradição, estudos relevantes sobre o tema, como os de Salem (2007) e Heilborn (2004); publicados recentemente, mas empreendidos no final dos anos 1980 e início de 1990, respectivamente.

As mulheres que se definiram como “casadas” vivem com seus parceiros/parceiras em diferentes situações domiciliares: duas moram em casas separadas e três na mesma residência (das nove entrevistadas, cinco se consideram casadas). Duas estão casadas com homens, e três com mulheres. As duas mulheres que moram em domicílios separados relacionam-se com mulheres e afirmaram que a residência em casas distintas se devia à situação de trabalho das parceiras. Em um dos casos, a parceira é estrangeira, não conseguiu emprego no Brasil e, por questões financeiras, regressou ao país de origem. Contudo, está em processo de imigração para o Brasil, onde espera encontrar um posto adequado à sua qualificação. Ambas já viveram juntas por três anos consecutivos e, nos últimos dois anos, residem em países distintos. Encontram-se esporadicamente, sem regularidade definida, e se comunicam frequentemente, por telefone e internet. A entrevistada tem muita esperança de solucionar o problema da distância ainda neste ano. No outro caso, a parceira recebeu uma proposta de emprego em São Paulo. Elas passam a semana separadas e encontram-se nos finais de semana, geralmente, no Rio de Janeiro. A informante relatou as dificuldades de administrar o cotidiano da relação, o aumento dos gastos e a mudança da rotina, além da saudade da companheira. No entanto, não planeja se transferir para São Paulo, em virtude de seu trabalho no Rio de Janeiro.



Como a gente tem isso aqui [o apartamento no Rio] e ela comprou um apartamento em São Paulo e está pagando prestação, aqui eu pago algumas coisas e ela paga as coisas lá. É tudo muito difícil. [...] Sozinha, ver coisa de casa, para decidir coisas com empregada e ninguém para dividir essa chatice de casa. (B., 41 anos, casada há 13 anos)

Os casamentos têm durações variadas: entre cinco e 13 anos de união. Duas informantes têm filhos com seus parceiros atuais, e um casal de mulheres estava considerando a possibilidade de adotar uma criança, embora com resistência da entrevistada, por temer que esta decisão abale mais seu vínculo com a família de origem. Ela sabe que não pode contar com o apoio familiar para criar a criança com sua companheira.

Foi um problema, para mim foi um sério problema, tive problema com minha família. Até hoje minha família não aceita a G. [companheira] A família dela teve no início assim, um pouco de susto. Mas me aceitaram de cara, então foi muito bom. Só que o problema é que a família dela é [de fora do Rio]. Então, as relações familiares a gente só tem lá. (C., 37 anos, casada há cinco anos)

A referência ao sexo como elemento muito importante na vida do casal foi unânime. Em todos os relatos, independentemente da orientação sexual da depoente, houve uma avaliação de que o início da vida de casado é o momento em que a frequência da atividade sexual é mais intensa, arrefecendo-se ao longo do tempo. O declínio da frequência, no entanto, não é citado como problemático imediatamente, pois a qualidade do sexo é o tema que mais preocupa.

Acho que no começo é tudo, é tudo novo, tem uma coisa de experimentação maior. Acho que depois de 13 anos com uma pessoa só, a coisa cai numa mesmice, no feijão com arroz. Acho que nem eu nem ele não pensamos: "Ah! Vamos fazer uma coisa nova!". (D. 43 anos, casada há 13)

A noção do sexo como espaço de criação do novo pela díade é uma visão comum, entre as entrevistadas. Duas mulheres (casadas com homens) avaliaram que a relação poderia estar melhor, se elas e os parceiros investissem mais na qualidade da relação sexual. Elas atribuem ao cansaço cotidiano e às exigências dos cuidados com os filhos pequenos os obstáculos para este investimento. Ambas evocaram a necessidade de um comprometimento mútuo do casal, na melhoria da qualidade da vida sexual. Elas não assumem a tarefa como exclusiva de um dos gêneros, ao estilo do "casal igualitário", retratado na literatura antropológica sobre o casamento em camadas médias, um modelo conjugal regido pelo apagamento das fronteiras de gênero, no cotidiano das relações conjugais (SALEM, 2007). Para estas mulheres, a relação sexual caiu numa rotina e não possui uma variedade de posições e carícias. A duração do ato também é considerada pequena, se comparada ao início do casamento. A chegada dos filhos é um marco divisor da libido, as mulheres se queixam de uma redução de seu interesse por sexo e da excitação, por não haver mais privacidade

para o casal. Conversam sobre o assunto com os maridos, mas o casal não consegue tomar atitudes para “melhorar a relação”.

A gente tem falado nesse negócio [sobre usar produtos eróticos na transa]. Outro dia ele estava olhando na internet, aí falei: “Vai, compra, compra esse negócio pra ver.” Mas, acho que ele ficou meio assim, sem saber se comprava ou não [O “negócio” em questão era, segundo ela, “uma camisinha com uns adereços estranhos”. Eles acabaram não adquirindo o produto]. (A., 40 anos, casada há dez)

Entre as mulheres casadas com mulheres, a necessidade de novidade no sexo também foi expressa. O recurso a produtos eróticos foi explicitamente citado por uma das mulheres, como possibilitando uma maior exploração do prazer no casal:

A gente gosta desses cremes, tem vários cremes que a gente usa. Tem uns vibradores. Nada assim, a gente nunca comprou nada em forma de pênis, não. É mais creme e uns brinquedos que eles fazem, dados, peninha, algema, essas coisas. A gente inventa muito, a gente fica olhando o que tem de diferente, de novo assim, a gente compra para ver como é que é. (E., 49 anos, casada há cinco)

As práticas sexuais citadas variam em função da orientação sexual. Nas relações homoeróticas, um fator mencionado de atração pela companheira foi o fato de ser com ela, e não com outra pessoa, que a expressão da sexualidade aflorou mais amplamente. Foi repetido pelas três mulheres casadas com mulheres que entre elas e as parceiras atuais teria havido um salto para o novo: a descoberta de outra qualidade no sexo.

A gente não tem limites. Eu gosto muito dessa coisa vigorosa dela, de se adiantar. Coisas que eu durante muito tempo tive que fazer. Ela tomar atitudes para mim é fundamental, fundamental.<sup>5</sup> (B., 41 anos, casada há 13)

É um conjunto, sabe. Desde você ter prazer de ficar junto, de você ter prazer de dividir tudo e de te completar na cama mesmo, na cama mesmo. Te completa, faz sentido, dá prazer. Não que eu não tivesse antes, mas é maior. Acho que a gente consegue perceber isso, de fazer parte, de fechar o ciclo, é muito bom. De todas as relações que eu tive, essa realmente para mim está sendo a mais importante, e olha que eu já tive relação! De todas as minhas parceiras, eu e ela, a gente se permite absolutamente tudo: brinquedinhos sexuais, sexo anal, tudo... (E., 49 anos, casada há cinco)

Uma das entrevistadas nunca havia tido relações homoeróticas antes de encontrar a parceira atual, que foi sua primeira transa com mulher. Elas se conheceram em uma viagem, e hoje estão casadas:

<sup>5</sup> Este depoimento é muito interessante porque esta mulher se queixou de ter mantido muitas relações, nas quais ela ocupava um lugar “mais heterossexual”. Uma parceria em especial foi referida como traumática, pois ela devia desempenhar a “função masculina” no ato sexual. Esta parceira, com quem ela também se casou, costumava ter casos com homens, razão de muito sofrimento para ela. O encontro com a parceira atual foi “libertador” nesse sentido, porque ela pôde experimentar posições novas e ter muito prazer.

Um paraíso! Foi ótimo! E foi diferente, descobrir assim as diferenças entre sexo com homem e sexo com mulher. A primeira vez que você transa com uma pessoa tem todo um mistério, o que o outro quer, o que o outro não quer e tal, então a gente estava se descobrindo. Mas, o mais interessante é ter a possibilidade, esse é o diferencial, de poder transar quantas vezes você quiser sem se machucar [risos]. Essa é uma vantagem muito grande... (C. 37 anos, casada há cinco)

O binômio ativo/passivo carece de sentido no par lésbico (MUNIZ, 1992; HEILBORN, 2004). As trocas sexuais consideradas satisfatórias entre essas mulheres são mais simétricas e permitem, segundo as entrevistadas, uma libertação de posicionamentos sexuais fixos. Essa liberdade seria o marco da homossexualidade, sua distinção em relação às práticas heterossexuais. Na história de vida destas mulheres que se relacionam com mulheres, uma passagem se apresenta, vivida como processo de amadurecimento pessoal e descoberta de si, entre um aprendizado erótico limitado pelos padrões heterossexuais e nos termos de uma linguagem homocorporal. Essa aprendizagem se dá nas relações com as parceiras e, em alguma medida, com os amigos homossexuais próximos (incluindo homens *gays* das redes de amizade) e tem seu ponto de culminância nas relações atuais. Este dado pode ser interpretado como uma visão romântica do amor encontrado na maturidade. Elas estão na faixa dos 40 anos e se consideram “mulheres maduras, experientes”, que já viveram muitos relacionamentos, inclusive experiências sexuais com homens; uma já teve longos namoros com homens e se considera bissexual. Neste momento de suas vidas, avaliam que houve pouco mistério nas práticas sexuais com homens, inclusive aquelas da adolescência. Era mais ou menos o esperado, o que todo mundo sabia, embora não se falasse muito sobre o tema. Já o percurso nas relações homoeróticas é pleno de percalços e descobertas; o desconhecimento e os interditos são maiores. O conhecimento sobre o sexo com uma pessoa do mesmo sexo se dá nos meandros da socialização entre pares, nas brechas da heterossexualidade, e é uma prática, um produto de encontros sexuais sucessivos. O mais importante na trajetória dessas mulheres é a construção de uma prática homoerótica efetiva, a assunção de uma relação permanente com outra mulher, apesar da recorrência ao recurso linguístico do “eu sempre fui, sempre gostei de meninas...”. Essa relação permanente é imediatamente investida de uma expectativa de “relação completa”, incluindo o carinho e a vivência sexual aberta às explorações mútuas entre parceiras. Uma prática homoerótica efetiva também requer que o relacionamento, ainda que alvo de preconceito, encontre algum nicho de aceitação e legitimidade. Poder apresentar a companheira à família, frequentar as reuniões familiares com ela e ser recebida pela família da parceira são aspectos valorizados, mesmo com certos limites na interação familiar, como, por exemplo, a impossibilidade de trocar carinhos na frente dos parentes ou o fato de não serem apresentadas a terceiros pelos pais como um casal, mas como “amigas”.

Algumas expressões foram citadas nas entrevistas, em referência ao impacto ao lidar com o desejo por outra mulher quando adolescentes, em uma época tida como mais repressora, comparativamente aos tempos atuais: “precisei cozinhar isso na minha cabeça” ou “pirei”. Uma informante utilizou a seguinte expressão para descrever seu grupo de amigos da escola, todos *gays*: “A gente não falava nisso, a gente não ousava dizer o que era aquilo.” Na fase atual, é como se o processo de aprendizado tivesse se concluído, elas “fecharam o ciclo”, encontraram uma mulher com quem viver mais plenamente a vida amorosa e sexual. Esta relação possui algum espaço de expressão, ainda que com barreiras e constrangimentos sociais.

Cabe mencionar que estas mulheres não assumem uma autoimagem masculinizada, elas afirmam não desejar ser homens.<sup>6</sup> Sexualmente isto implica não estar confinada a uma posição ativa com a outra mulher. Na opinião delas, é resultado de um longo e árduo processo: “É difícil ser mulher e ser *gay*, é difícil...”. Há ainda outra forma de negação do confinamento em posições fixas, expressa no depoimento de uma mulher casada com outra mulher, que se diz bissexual. Para ela, um grande dilema enfrentado, quando da decisão de morar junto com a parceira atual, foi, além da resistência da família, o “medo de não ter volta à minha outra vida, como heterossexual”. Esta mulher afirmou que nunca quis ser “taxada de homossexual”, pois também se sente atraída por homens. Justifica o fato de estar casada com uma mulher porque é “a pessoa”, única e intransferível. Mas, se um dia o casamento acabar, ela não gostaria de ser rejeitada por um homem, só porque já viveu com uma mulher. Este casal de mulheres é o único que faz questão de não frequentar espaços do circuito *gay*, e mantém relações de amizade com pessoas heterossexuais. Elas possuem apenas um amigo próximo *gay*, que as apresentou.

A gente não frequenta lugares *gays*, a gente não tem amigos *gays*. Achei engraçado, outro dia veio um amigo nosso e falou: “Olha, eu não considero vocês minhas amigas *gays*.” Não existe aquele símbolo todo *gay* por trás, entendeu? É uma coisa que nós não gostamos, as duas, independentemente de estarmos juntas. Nós não gostamos de ir para um bar onde só tem *gay*. A gente não quer isso. (C., 37 anos, casada há cinco)

Nas práticas cotidianas, este casal busca equilibrar, de um lado, a vivência erótica e, de outro, a fuga de armadilhas classificatórias. Encontrei diversas vezes, em espaços de sociabilidade noturna não marcados pela identidade sexual dos frequentadores, este par de mulheres: em um restaurante japonês, no Circo Voador (casa de shows no Centro do Rio de Janeiro), em uma roda de samba.

<sup>6</sup> A postura corporal e a indumentária destas mulheres indicam um estilo mais esportivo e neutro. Trata-se de um visual despojado, informal e moderno, que não seria diretamente associado à imagem masculinizada da lésbica. O estilo de vida destas mulheres enseja este visual, o cotidiano de trabalho e de lazer se dá em lugares que permitem uso de *jeans* e camisetas casuais, tênis confortáveis ou sandálias baixas. A partir da vestimenta, da postura corporal, do andar e gesticular, não é possível uma identificação em um padrão de gênero específico (HEILBORN, 1996).

Características exaltadas na parceira atual são: a liberação, a abertura para a exploração da sexualidade – o que inclui conversas sobre preferências de cada uma – o jogo permanente do receber e dar prazer, a entrega no ato sexual, a intensidade e duração dos atos. Há uma sintonia entre o vínculo relacional e a boa qualidade da vida sexual no par de mulheres. O fato de se tratar de uma relação estável, classificada como casamento, implica a existência de uma relação sexual considerada satisfatória. A relação pode até perdurar se o sexo não estiver bom, mas certamente não irá muito longe. Como disse uma entrevistada: “vira amizade; sexo bom é determinante”.<sup>7</sup> Se virar amizade, abre-se uma porta para a possibilidade de traição e possível substituição desta relação por outra. Porque se a mulher transa com outra, não é igual a homem, que “separa as coisas”, é porque algo “já está muito errado” na relação, é um sinal claro de que os sentimentos mudaram.

As mulheres homossexuais são muito assim. Se alguém te interessa lá fora é porque a relação não está legal, então você termina a relação, ou então às vezes nem termina. Que com mulher acontece muito isso, né? Você tem a relação, aí você se apaixona por outra pessoa, mas você não consegue acabar com aquela relação, e aí a outra pessoa não é burra, ela vai começando a perceber que você muda, né? E aí a outra pessoa vai te encostando na parede, vai te encostando na parede, você vai dizendo que não, que ela está delirando, e na verdade não é isso não, você está realmente envolvida com outra pessoa aqui fora. Eu canso de ver isso, é impressionante! Aí a pessoa, quando ela não tem mais saída, é que ela abre o caminho. Eu acho que funciona assim: eu só vou terminar essa relação se eu souber que essa outra vai se manter. Ela não dá um tempo de terminar a relação, zerar aquilo, ficar sozinha para tentar outra coisa. Não! Ela quer sair direto! Aí ela fica pulando, eu conheço um monte de gente que faz isso. (E., 49 anos, casada há cinco)

As mulheres heterossexuais casadas expressam um discurso semelhante, quando indagadas sobre fidelidade em relação aos maridos:

Ah, se eu te disser que não tenho essa fantasia, eu estaria mentindo. Mas assim, eu tenho muito medo de encarar outra relação, eu acho que eu sou muito apaixonada, então se eu botar outra pessoa na minha vida é porque estou apaixonada e se estou a fim é porque estou a fim, se estou a fim é por que eu quero ficar com ele. (D., 43 anos, casada há 13)

As mulheres casadas, pertencentes ao universo igualitário de camadas médias, a despeito da orientação sexual, partilham do mesmo ideal de manutenção do relacionamento conjugal. A vida sexual do casal deve ser alimentada pelos dois componentes do par. Mesmo que este projeto não esteja em realização, como revelaram duas depoentes, a consciência da necessidade é explicitada. A falta de investimento na vida sexual denota crise da relação. A crise não é medida exclusivamente pela frequência semanal de sexo, mas pela qualidade do ato. No caso das mulheres, é uma

<sup>7</sup> A variável idade deve ser levada em conta no que se refere à preeminência do sexo na relação, especialmente entre mulheres lésbicas mais velhas, pois talvez a presença do sexo como vetor da relação conjugal não seja avaliada com a mesma importância atribuída por este grupo etário.

preocupação básica: sentir vontade e se sentir estimulada. Segundo Bozon (2004, p. 49), a centralidade da atividade sexual na manutenção do casal constitui um traço da vida conjugal contemporânea: "A sexualidade, que antes era um dos atributos do papel social do indivíduo casado, tornou-se uma experiência interpessoal indispensável à existência do casal, formando a linguagem básica do relacionamento."

## **Mulher solteira procura**

A experiência das mulheres entrevistadas entre 37 e 49 anos que se encontram sem uma parceria fixa é ilustrativa do lugar social que o relacionamento desempenha para definição do feminino. Grande parte das narrativas tentava dar conta das tensões por elas identificadas em suas trajetórias amorosas. A entrevista foi percebida como uma situação quase terapêutica, de desabafo e prestação de contas interna. A falta de uma parceria não significa, entretanto, falta de sexo. Esta dissociação, identificada nas falas femininas, provocou um grande interesse.

O sexo sem vínculo é perturbador para a organização do gênero feminino. Trata-se de uma experiência que embaralha os códigos esperados do gênero, e sua ocorrência tradicionalmente enquadra a mulher em um polo negativo do eixo feminino. A "mulher fácil", a "puta" (neste caso, há um vínculo atribuído pelo ato de pagamento, mas é um laço espúrio, que degrada aquela que é comprada) (GASPAR, 1985), a "mulher da rua" são imagens que se opõem à figura da "mulher de casa". Esta oposição está alicerçada na ideia de que com as primeiras não há vínculos, somente encontros fortuitos, enquanto com as últimas se apresenta uma conexão. Se tal dicotomia é operada prioritariamente pelos homens e é fortemente vigente em segmentos de classe popular (SALEM, 2004), ela afeta as mulheres e, mesmo com menor ressonância nos estratos médios igualitários, surte efeito sobre o comportamento das mulheres dessas camadas sociais. A variável idade deve ser novamente sublinhada aqui: suspeito que, entre mulheres jovens, de camadas médias, esta dicotomia esteja suavizada.<sup>8</sup> De acordo com Brandão (2004, p. 67-68), ainda que persistam hierarquias de gênero na socialização sexual dos jovens de estratos médios, cada vez mais um maior espaço é designado para a igualdade entre os sexos.

Isso não quer dizer que não existam mais classificações morais que ordenem o julgamento entre rapazes e moças, acerca do comportamento sexual feminino. Certa discricção, subordinação do exercício sexual ao vínculo afetivo e a não-multiplicidade abusiva de parceiros sexuais continuam sendo pilares de avaliação da honra feminina entre os jovens. (BRANDÃO, 2004, p. 67)

---

<sup>8</sup> Outra parte desta pesquisa dedica-se a entrevistas com mulheres de 20 a 27 anos, com o mesmo perfil socioeconômico das entrevistadas apresentadas neste artigo. Os dados sobre este grupo ainda estão sendo analisados.

Em pesquisa realizada entre 2003 e 2004, entrevistei mulheres entre 60 e 70 anos de idade, sobre suas trajetórias amorosas. Neste grupo, também de camadas médias, somente uma informante mantinha relacionamentos sexuais com mulheres, mas não se identificava como homossexual. As entrevistas evidenciaram um aspecto relevante: a articulação explícita entre casamento e sexo. As mulheres que afirmaram terem perdido a virgindade fora do casamento, só o fizeram quando tiveram certeza de que, provavelmente, não se casariam mais. Neste caso, a retirada de seus corpos do mercado matrimonial era simbolizada com a primeira relação sexual, em torno dos 30 anos. De fato, nenhuma veio a se casar. Com as carreiras profissionais constituídas, morando sozinhas numa cidade grande como o Rio de Janeiro, nos anos 1970 (no caso das solteiras, todas eram migrantes), estas mulheres se depararam com a virgindade como uma condição a ser vencida, superada. Um obstáculo que não condizia com o restante da biografia de uma mulher independente. Transar sem casar era uma transgressão, que implicava a aceitação de uma punição: perder a possibilidade de encontrar marido e, conseqüentemente, de ser mãe. Já próximas dos 30 anos, consideradas “solteironas” pela família, estas mulheres se percebiam fadadas à solidão e à impossibilidade de ter filhos. Nesta situação, transar seria a confirmação deste destino. Apesar disso, estas mulheres escolheram transar pela primeira vez com alguém em quem confiassem e por quem sentissem “afeto”. A primeira relação sexual ocorreu com um namorado. Todas mencionaram uma estabilidade do relacionamento, apesar de ele não implicar um matrimônio. A “primeira transa” não poderia ser eventual nem sem sentimentos. Nestes relatos, não encontrei a referência ao primeiro ato sexual como positivo, via de regra, o tom se referia a uma sensação de alívio, de ter tirado um peso das costas.

A perda da virgindade, sua íntima conexão com o casamento, ou até a restrição da vida sexual a relações “com afeto”, não constituem dados relevantes nas narrativas das mulheres entrevistadas (entre 37 e 49 anos) até o momento, em 2007. Fazer sexo fortuitamente pode ocorrer, mas há uma demarcação das situações onde isto é cabível. As mulheres elaboram um discurso de justificativa, não isento de valores morais, para enquadrar a prática de sexo ocasional em suas vidas. Entre as mulheres casadas, como citado, o sexo fora do casamento apresenta um grande potencial de ruptura da relação. Entre aquelas que não estão inseridas em um relacionamento, seja em um casamento ou namoro, a possibilidade de sexo eventual mantém seu caráter corruptor, não de uma relação, mas da própria capacidade relacional da mulher. É preciso deixar claro que as mulheres não negam a traição ou o sexo eventual, a possibilidade se apresenta, e sua ocorrência não é descartada. As mulheres casadas se referiram a flertes constantes e a traições esporádicas, mas sabem que lidam com uma zona de perigo. A ameaça concerne não apenas à possibilidade de descoberta pelo marido, mas também ao abalo sentimental nelas provocado por uma traição.

Entre as mulheres sem relações no momento, o sexo eventual ocupa um lugar ainda mais presente, e seu perigo refere-se a “virar rotina”.

Dois situações são paradigmáticas: as mulheres solteiras e as separadas. Nesse caso, vou me restringir aos relatos de duas mulheres que não estavam saindo com ninguém, à época da entrevista.<sup>9</sup> Ressalto estes casos como emblemáticos, por revelar, com clareza, a situação que pretendo tratar: a mulher sozinha como um obstáculo à classificação integral do gênero feminino, percebido socialmente como intrinsecamente relacional. Uma entrevistada já estava há pelo menos dois anos sem se relacionar (o que não significa sem vida sexual), e a outra se encontrava nesta situação há três meses. Uma é solteira, nunca se casou nem coabitou, embora tenha tido namoros relativamente longos na juventude. A outra foi casada por nove anos e estava separada há dois. Seu último relacionamento foi com um colega de trabalho, casado. Ela havia rompido a relação por não suportar a posição de amante, eles ficaram um ano juntos. Para ela, era “terrível não ter os finais de semana com ele”. Nenhuma das duas tem filhos ou planeja tê-los. A maternidade não foi apresentada como uma questão para elas, uma já havia feito aborto por iniciativa própria e por não desejar ser mãe. Este aspecto é fundamental, uma vez que a necessidade de se inserir em uma relação não está vinculada à expectativa de ser mãe ou “constituir família”, como referido por outras entrevistadas.

Uma já se relacionou sexual e afetivamente com uma mulher, enquanto a outra não relatou envolvimento homocorporal em sua trajetória, mas se considera uma “pessoa aberta, sem preconceitos”. Afirmou já ter sido cantada por mulher, e lidar com isto “numa boa”, mas não “sente atração”. Segundo ela, seu ambiente de trabalho tem muitos homossexuais e ela acha que transmite uma “imagem pouco feminina” pelo jeito de se vestir.<sup>10</sup> Esta mesma entrevistada relatou que, por estar sempre sem companhia amorosa masculina, as pessoas julgam que é *gay*:

Muita gente acha que eu sou *gay* porque não me vê com homem, entendeu? Pessoas vieram me dizer que fulano perguntou se eu era menina ou menino, se eu era menina que gostava de menina. Eu fiquei meio assim com isso, será que não tá claro?... (F., 42 anos, solteira)

O episódio do relacionamento homoerótico é interessante por colocar em tela um tema: a não identificação com a homossexualidade, mesmo com relações com pessoas do mesmo sexo. A mulher se envolveu com uma amiga, sua comadre. A amiga não reside no Rio de Janeiro e é casada. Transaram algumas vezes, e ninguém

<sup>9</sup> A primeira vez que usei a expressão “estar sozinha” fui repreendida pela entrevistada. Percebi que o termo possui um teor negativo e pejorativo muito forte, e sinaliza uma rejeição à possibilidade de ser vista como uma mulher sem outra pessoa, ou uma pessoa pela metade. A entrevistada afirmou não se considerar só, pois tem amigos e família, apesar deste fato não suprir tudo que necessita. Uma noção de inteireza da pessoa, completada pelos múltiplos relacionamentos afetivos se apresenta.

<sup>10</sup> Ela estava num intenso programa de dieta, por ocasião da entrevista. Referiu que havia se descuidado muito nos últimos anos, e tentava resgatar a vaidade, se arrumar mais, se maquiar, fazer exercícios físicos.



sabe disso (ela solicitou que o depoimento não fosse gravado). Para ela, há uma grande afetividade entre elas, se conhecem há muitos anos, e ela é uma “pessoa maravilhosa”. Apesar das relações sexuais, o que a depoente ressalta não é o desejo, mas a singularidade da amiga – “a pessoa que mais me conhece no mundo” – e a ligação afetiva estabelecida. A referência à singularidade do ser amado, independentemente de sua inscrição sexual, remete à valorização do indivíduo em sua unicidade e à crença na irrelevância de constrangimentos externos ao sentimento de amor. É uma história de amor impossível. O fato de ter-se relacionado sexualmente com uma mulher é minimizado, e o sentimento único recíproco é enfatizado. A entrevistada se define e à amiga como heterossexuais.

O discurso se organiza em torno da afirmação de que o sexo do parceiro não é relevante para o entendimento da relação e que a escolha do presente (ou do passado) não significa reconhecer-se como essencialmente homossexual – uma vez que os caminhos do desejo são obscuros e inescrutáveis são os seus desígnios – e ainda que privilegiar a dimensão erótica de sua apresentação no mundo é empobrecedor (HEILBORN, 1996, p. 139).

As duas mulheres compartilham certos aspectos: uma rotina de trabalho muito árdua, são financeiramente estáveis e independentes, moram sozinhas em apartamentos muito amplos e confortáveis. A vida profissional é enfatizada e apresentada com orgulho. Não são pessoas solitárias, ao contrário, a vida social e familiar é intensa e agradável, sem relatos de graves conflitos com parentes. Ambas circulam no meio artístico, embora trabalhem com linguagens diferentes, e desempenham funções administrativas importantes neste circuito. Elas não se conhecem, mas estão inseridas em um universo social muito semelhante. No que tange à vida afetivo-sexual, ambas disseram estar à procura de “alguém que queira estar com elas”.

O projeto amoroso é claro para ambas: encontrar um homem para uma relação estável. O afeto não é visto como necessário para o início da relação, embora deva se desenvolver ao longo do tempo. O passo inicial é identificar no outro uma disponibilidade para o relacionamento. Para elas, o que mais incomoda no sexo ocasional é a descontinuidade. Ele pode ser muito prazeroso, os relatos com maior conteúdo erótico envolviam homens com os quais não havia expectativa de relação duradoura, sem indicação de um futuro para aquele encontro.

Eu conheci ele numa festa, aí ele pegou meu telefone, a gente saiu. Um dia, ele foi na minha casa e a gente começou a se encontrar sempre na minha casa. Só que assim, eu não saía com ele, eu não apresentava ele pra ninguém, eu não ia ao cinema com ele, eu não fazia nada com ele, era uma coisa pra mim especificamente sexual. (G., 38 anos, separada há três)

Além da disponibilidade, o parceiro deve preencher alguns pré-requisitos: pertencer a um meio social similar, não apresentar uma diferença de idade considerada grande, o que vale quando a mulher é mais velha. Por outro lado, esses elementos

podem permanecer no plano do ideal. Para elas, o determinante é ser alguém que deseje estar com elas. Mas, como identificar esta disponibilidade no homem? Onde encontrar homens disponíveis, ou, no dizer de uma entrevistada, um “cara legal”?

Eu tenho que resolver isso aí [estar sem parceiro] porque cara legal tem, só que tá muito difícil de achar. Cara legal tem, eu tenho certeza disso, absoluta. Só que cara legal não tá em botequim, duas horas da manhã, jogando conversa fora, não tá. É muito raro, entendeu? Mas existe. (F, 42 anos, solteira)

O “cara legal” é capaz de estabelecer um vínculo estável. A imagem do bar na madrugada remete à figura do “homem caçador”, sem expectativa de envolvimento emocional, uma representação tradicional da dicotomia homem x mulher. O polo masculino resiste ao envolvimento e procura sexo, enquanto o polo feminino resiste ao sexo e busca envolvimento. Neste sentido, o “cara legal” não deve estar em circuitos públicos de sociabilidade noturna. No discurso da depoente, ele está em algum lugar não identificado por ela. O “cara legal” deve ser “achado” pela mulher, um trabalho feminino.

O interessante é que elas não duvidam de sua própria disponibilidade para relacionamentos. Esta disposição relacional prescinde de justificativas e não precisa estar ancorada na pretensão de uma família, com filhos. Esta motivação para se relacionar dispensa explicações, é tomada como autoevidente. Trata-se de um atributo do gênero feminino, naturalizado pelas próprias mulheres, que transcende a orientação sexual e, ainda que não se confunda mais com conjugalidade e parentalidade, como no passado recente, permanece presente e operante na maneira como as mulheres se posicionam como pessoas, no mundo. Estão em busca permanente por relação. Esta procura, no plano do sexo e dos afetos, se dá de forma mais pura, no sentido simmeliano do termo, uma busca sem intenções, que vale por si mesma. As relações de amor sexual seriam o complemento relacional, que confere inteireza à pessoa feminina. Deste modo, os projetos de amor femininos socialmente válidos são sempre de relacionamentos estáveis, não importando o sexo do parceiro.<sup>11</sup>

## Considerações finais

A relevância do vínculo afetivo para as mulheres soa como um lugar comum. A conexão entre gênero feminino e a necessidade de relacionamentos amorosos é uma gramática antiga para se referir ao universo das mulheres. O que este artigo pretendeu mostrar é que, embora essa conexão seja expressa pelas próprias mulheres como um atributo de gênero, existem nuances em relação ao que se pode chamar

<sup>11</sup> É interessante apontar que duas entrevistadas casadas com mulheres contaram, com um certo orgulho, que suas parceiras, antes de conhecê-las, viviam em boates gays, na “pegação”, ficando com várias mulheres. Uma chegou a se referir a este comportamento como “masculino”. Agora, elas teriam se aquietado por estarem inseridas em uma relação.

de vínculo. Tomando uma geração relativamente jovem como eixo da análise, composta por mulheres nascidas na década de 1960, pertencentes às camadas médias urbanas, com acesso ao ensino superior, com posições estáveis e bem remuneradas no mercado de trabalho, com vínculos relacionais diferenciados, podemos perceber que a presença de vínculos com parceiras ou parceiros e a ausência de vínculos afetivos e sexuais são contextos que conferem qualidades diversas ao que se pensa como vínculo estável e como ele deve ser mantido. No caso das mulheres em casamentos heterossexuais com filhos, o desafio de manter o casamento e o lugar problemático que a prática sexual pode ter nessa manutenção contrasta com a maior abertura relativa à experimentação sexual exposta pelas mulheres em casamentos homossexuais. O tempo de casamento também parece influenciar menos o par lésbico em relação ao investimento na vida sexual do que o par heterossexual. Um outro diferenciador relevante desses casamentos é a presença de filhos. A chegada das crianças altera a dinâmica do casal e restringe o espaço do namoro no casamento, queixa constante das mulheres nessa situação. Por outro lado, a situação de "casamento" apresenta desafios muito diversos em relação à manutenção do vínculo se comparada às situações de "namoro" e de "sexo casual". Nestes últimos casos, o vínculo não se associa à ideia de "constituir família", mas coloca-se como igualmente importante porque confere a essas mulheres um espaço legítimo para a vivência de afetos e de prazer sexual por si mesmos. Neste sentido, configura-se uma arena de exercício da autonomia feminina que, comparando com a experiência das gerações mais velhas, abriu-se recentemente para as mulheres em nossa sociedade. Assim, se o projeto relacional é um atributo do gênero feminino, a maneira como este projeto é pensado e vivido muda ao longo das gerações e das trajetórias individuais.

*Abstract: One century after the publication of Psychology of Coquetry and Feminine Culture, from Georg Simmel, the issue of the woman's nature is still present. Since then, in the realm of social sciences, we have broken up with a notion of immutable nature or with a straight vision of socialization. The understanding of the differences between man and woman as culturally and socially based ones became fundamental and is one of the most important tasks of social sciences nowadays. Besides the difference issue, there are also great inequalities: access to the job market, political representation and so on. This article deals with a zone of resistance where the sex differences are kept by the women: the world of love relationships. Men talk about love, they suffer, they live love, "but it is different", so say the women. This world of love seems to be one of the hidden places where lays the*

*difference between the sexes. A difference that goes beyond heterosexuality. Starting from women's narratives of love and sex, this article analyses the feminine discourse about sexuality and love feeling.*

Keywords: *gender; sexuality; emotions*

(Recebido em outubro de 2008 e aprovado para publicação em novembro de 2008.)

## Referências

- ALVES, A M. Mulheres, sexualidade e velhice. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 29., 2005, Caxambu. *Anais...* Caxambu: [s.n.], 2005. GT 22 – Sexualidade, corpo e gênero.
- BOZON, M. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- BRANDÃO, E. R. Iniciação sexual e afetiva: exercício da autonomia juvenil. In: HEILBORN, M. L. (Org.). *Família e sexualidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- GASPAR, M. D. *Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985.
- HEILBORN, M. L. *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- \_\_\_\_\_. Ser ou estar homossexual: dilemas de construção da identidade social. In: PARKER, R.; BARBOSA, R. (Org.). *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.
- MUNIZ, J. *Mulher com mulher dá jacaré: uma abordagem antropológica da homossexualidade feminina*. Dissertação (Mestrado)–Programa de pós-graduação em antropologia social, Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro, 1992.
- REZENDE, C.B. Mágoas da amizade: um ensaio em antropologia das emoções. *Mana*, [S.l.], v. 8, n. 2, p. 69-89, 2002.
- ROHDEN, F. *Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.
- SALEM, T. “Homem... já viu, né?”: representações sobre sexualidade e gênero entre homens de classe popular. In: HEILBORN, M. L. (Org.). *Família e sexualidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- \_\_\_\_\_. *O casal grávido: disposições e dilemas da parceria igualitária*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- \_\_\_\_\_. Tensões entre gêneros na classe popular: uma discussão com o paradigma holista. *Mana*, [S.l.], v. 12, n. 2, p. 419-447, 2006.
- SIMMEL, G. *Filosofia do amor*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- \_\_\_\_\_. *On individuality and social forms*. Chicago: Chicago University Press, 1971.

STRATHERN, M. Necessidade de pais, necessidade de mães. *Estudos Feministas*, São Paulo, ano 3, n. 2, p. 303-329, 1995.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1987.

\_\_\_\_\_. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_; KUSCHNIR, Karina (Org.). *Mediação, cultura e política*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.